

Comment

Não na frente das crianças! As controvérsias da ciência e a divulgação científica para o público infanto-juvenil

Luisa Massarani

Na década de 1990, quando era eu editora de uma revista de divulgação científica para crianças de 8 a 12 anos no Brasil – *Ciência Hoje das Crianças*, publicada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – ocorreu um fato curioso: seguindo meu instinto de jornalista de incluir na pauta assuntos quentes e atrativos, preparei uma matéria sobre a Aids. O material me pareceu tão interessante, que virou capa da edição. Mais tarde, soube que isto causou um choque no comitê científico da revista. Como assim falar de um tema tão delicado, controverso e meio tabu com crianças?

Oficialmente, este episódio nunca chegou aos meus ouvidos. Quem me contou isto foi um dos cientistas que compunham o comitê científico da revista, Angelo Machado, pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais. Homem ousado, inteligente e com larga trajetória em escrever para crianças, ele confessou que ao ver a edição da revista, em um primeiro instante, tomou um susto. Mas que rapidamente ele mesmo teria respondido para si mesmo: por que não?

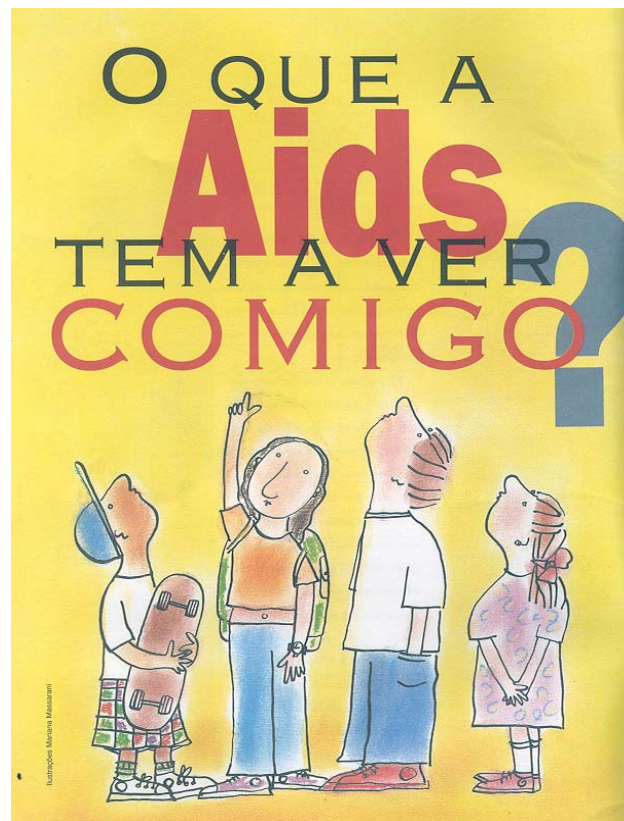


Figura 1. *Ciência Hoje das Crianças*, n. 48.

Segundo dados compilados pela Organização Mundial da Saúde, até um milhão de adultos e crianças seriam portadores do vírus HIV no Brasil, em 2005.¹ O Ministério da Saúde brasileiro tem investido fortemente em campanhas contra a doença amplamente veiculadas em meios massivos de grande impacto – que incluem menção a camisinha, certamente um outro tabu. Portanto, o assunto já está no ar. Criar uma redoma de vidro em torno das crianças não é apenas ingênuo. É também desprezar a capacidade das crianças de entender assuntos complexos e de lidar com um diálogo sobre temas desse tipo.

As plantações transgênicas são um outro tema que há anos invadem os meios de comunicação brasileiros, envolvendo grande controvérsias. Desde 1998, a Monsanto tentou introduzir esses cultivos no Brasil. Mas, por conta de uma série de ações por parte de segmentos da sociedade civil, manteve-se por vários anos a proibição de que eles fossem comercializados no país.

Em 2003, o ano em que as controvérsias se tornaram particularmente intensas no Brasil em torno do tema, os agricultores do sul do país anunciaram que plantavam soja transgênica ilegalmente, com sementes contrabandeadas da Argentina. Segundo eles, grande parte da soja daquela safra (70%) era transgênica. Após anunciar que a proibição para a comercialização seria mantida, o governo Lula decidiu permitir sua venda 'provisoriamente': a permissão foi renovada nos anos seguintes, até que, em 2005, a venda da soja foi legalizada, com a aprovação da Lei de Biossegurança.

Enquetes nacionais, no entanto, mostraram que uma parcela majoritária da sociedade brasileira era contrária aos alimentos transgênicos,^{2,3} com cerca de 70% das pessoas consultadas afirmando que preferiam não consumir este tipo de alimentos. Mesmo com a autorização legal, as controvérsias continuam até hoje em torno do assunto e sistematicamente são amplamente veiculadas nos meios de comunicação. Claramente, o governo brasileiro e a comunidade científica não estabeleceram um diálogo com a sociedade brasileira.

Neste contexto, vale relatar uma publicação que preparamos, *Transgênicos em debate*, em que buscamos, por um lado, esclarecer o que são os transgênicos e, por outro, trazer para discussão as controvérsias em torno do assunto. Preparada inicialmente para agricultores, fizemos também uma versão para o público infanto-juvenil, a pedido dos próprios agricultores. A versão para crianças manteve a essência da publicação para adultos, de estabelecer um diálogo sobre o assunto. Nessa linha, buscamos apresentar, da maneira mais imparcial possível, vários aspectos relacionados às controvérsias e os interesses que estavam por trás dos argumentos defendidos.



Figura 2. Capa da cartilha *Transgênicos em debate*.

Igualmente, defendemos a importância de trazer para o debate a discussão em torno de assuntos como células-tronco e nanotecnologia, apresentando as novidades científicas, mas também discutindo aspectos controversos relacionados aos assuntos.

Outro tema que vem ganhando espaço na mídia – e no imaginário das crianças – é a questão das mudanças climáticas. Recente concurso de desenho para crianças promovido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e pela *Ciência Hoje das Crianças* com o mote de mostrar a Terra daqui a 50 anos mostrou que uma parcela grande das crianças associa ciência e tecnologia (C&T) com algo que trará destruição ao nosso planeta, em contraposição à preocupação ambiental, amplamente disseminada entre elas.

Os resultados do concurso de desenho, que reuniu cerca de mil desenhos enviados por crianças de todo país, são preocupantes. Parece-me importante que as crianças estejam expressando que um mau uso da C&T pode ter um impacto negativo no planeta. Mas, quando falamos em estabelecer um diálogo com elas sobre temas de C&T e seu impacto na sociedade, não estamos nos referindo a criar uma nova geração que meramente associe esses temas à destruição. Um diálogo desse tipo não é sinônimo de pessimismo.

C&T também podem ser chave para reverter o cenário atual.

É importante falar de controvérsias e do impacto da C&T na sociedade. Mas não podemos deixar de lado uma faceta fundamental da divulgação científica para crianças: a de estimular a curiosidade delas para temas da ciência e para o que ocorre em seu entorno.

Em síntese: precisamos travar um diálogo com as crianças sobre temas de C&T, suas controvérsias e os impactos na sociedade. Mas... Até que ponto travar esse diálogo? E, mais importante: como?

Referências

- ¹ Epidemiological fact sheet on HIV/Aids and sexually transmitted infections. Genebra: WHO, PAHO, Unaid. Dezembro, 2006. Acesso em 26 de janeiro de 2008 em http://www.who.int/GlobalAtlas/predefinedReports/EFS2006/EFS_PDFs/EFS2006_BR.pdf
- ² IBOPE [Brazilian Institute on Public Opinion and Statistics] (2001). Pesquisa de Opinião Pública sobre Transgênicos [Survey on Public Opinion on Transgenics]. Acesso em 6 de dezembro de 2007, em http://www.greenpeace.com.br/transgenicos/pdf/pesquisaIBOPE_agosto2001.pdf
- ³ IBOPE [Brazilian Institute on Public Opinion and Statistics] (2002). Pesquisa de Opinião Pública sobre Transgênicos [Survey on Public Opinion on Transgenics]. Acesso em 6 de dezembro de 2007, em http://www.idec.org.br/files/pesquisa_transgenicos.pdf

Autor

Luisa Massarani é jornalista especializada em ciências, doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brazil). Conjuga atividades práticas e acadêmicas. Coordena o Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (Brazil) e o portal latino-americano de SciDev.Net (www.scidev.net). E-mail: lumassa@fiocruz.br.